

SOBRE O AUTOR

Por William Soares dos Santos

Yago Gomes é cultor de uma escrita dinâmica, versátil e diretiva. Ele é nordestino e escolhe trazer em sua escritura as suas tradições, a sua voz e os seus modos de dizer o mundo. Ao lermos os seus contos, também somos convidados a ouvir a voz do nordestino e a participar de seu ethos. Uma das muitas belezas de suas narrativas é a de, apesar de encontrar suas bases no regionalismo, falar ao universal com a naturalidade dos grandes escritores. Yago é herdeiro de Ariano Suassuna e de Jorge Amado e tem muito a nos oferecer.

Sobre o seu conto: Em “Divino ventre”, o autor adentra o lar de um dos personagens característicos do nordeste brasileiro: um coronel, figura emblemática do patriarcalismo nordestino. No conto, o escritor utiliza a figura do coronel e a de sua família para explorar o tema do apetite, da presença do divino e das limitações do ser humano em dominar o seu destino e aquilo que ele deseja que seja de sua própria criação. A riqueza da descrição dos personagens, de suas falas e dos costumes nordestinos são alguns dos pontos altos dessa intrigante e fantástica narrativa.



YAGO
GOMES



[01]



Divino Ventre

Yago Gomes

Quando o Coronel Estaca comeu seu bife talhado na manteiga e regozijou aos esforços de homem honrado, se sentiu aliviado em perceber a mulher costurando o enxoval do quarto bebê que vingaria, pois sua esposa tinha ancas largas de pata e tetas gigantes que espirravam um leite mais viscoso que o da vaca. Não rezava para Deus nem para o Diabo, não tinha hábito de acreditar em sorte ou azar e pouco fiava as coisas que não eram dadas a ele, até o instante dele mesmo as agarrar com as mãos. O bife é um bife porque forrou seu estômago e da mesma lei a mulher era sua, por lhe sanar as necessidades nas noites quentes, em que ambos se despiam na cama ou no riacho da fazenda para estarem dentro um do outro, fosse na carne ou no olhar. Também por ser bruto, sem meio termo e dotado de exageros, Coronel Estaca adquiriu outra particularidade: não deixava rastros de escassez por onde quer que passasse. Sempre se banhou na abundância e isso se aplicava desde as comidas que enchiam a dispensa, até os cuidados de marido e pai.

A mulher, gorda e fogaosa, via no marido um touro forte, ruminando energia sexual que a possuía pelo cheiro do suor, na voz grossa e no jeito ríspido, típico de um Estaca. Molhava-se quando ouvia seus passos pesados subirem as escadas de casa, observando com raiva e tesão as patacas de lama deixadas nos degraus. Quase gozava quando contemplava seu marido comer, pois sabia, como um prenúncio, que, da mesma forma que ele devorava o frango assado ou o pernil de porco ou até mesmo o ensopado de carne, a devoraria em seguida com aquela barba grossa e sua língua áspera. *É a fome de um Estaca!* Diziam, se deliciando com as guloseimas preparadas por ela e saciadas por ele ao fim de cada refeição. Às vezes cozinhava só para sentir o marido comer, com seus dedos largos e sujos a revirar a mistura, fosse frango ou peixe, de cima abaixo, e deixando os destroços disformes na carne. Quanto melhor o prato, mais rápido ele a comeria também, e não havia nada de impedimentos, pois o Coronel Estaca não sufocava seus princípios ritualísticos que muito seguia: acordar, trabalhar, comer, fazer sexo e dormir.

E a vida se passava tão simples e prática para aquele homem que ensinou, mesmo sem querer, à sua fogosa mulher a ser prática e simples também. E disso tiveram três filhos e um morreu não por parto, pois as ancas da mulher eram tão boas para parir, que a criança saía naturalmente sem ela precisar de esforço algum. E tudo aquilo parecia ser mesmo obra divina, pois a parteira nunca sentiu ventre mais abençoado que aquele, onde a criança deslizava para suas mãos. *Por Nosso Senhor, são bebês lindos. Ó ventre abençoado esse!* E algumas só não se criavam porque tinham de morrer mesmo e isso não interessa muito saber.

É da vontade de Deus, amado marido. Disse a mulher, depois de enterrar o filho do meio que contava com quatro anos e sofria de febre e tremedeira. O Coronel Estaca ficou possesso, não pela morte do filho, pois haveria de ter vários, mas sim por não confiar em algo que não pudesse tocar, sentir, provar ou ver. Repreendeu a esposa para ela deixar de falar besteira e ficou com rosto vermelho a noite toda, não suportando a ideia de existir um homem acima dele, o Coronel Estaca, com o sobrenome respeitado por gerações de conquista, suor e honra. Em casa não haveria de ser diferente, ainda que a esposa insistisse em por Deus em tudo que fosse justificativa.

O menino morreu porque tinha que morrer, desmiolada! Foi dormir na rede, irritado, e a mulher não se importou, uma vez que já estava acostumada com a falta de credices do marido. Chorou, mas por fim adormeceu, na certeza de Deus lhe abençoar com outro. E não demorou muito, pois o fogo dela e o apetite dele eram insaciáveis, não passando uma noite que não estivesse acesa a chama. Às vezes, um não queria ou o outro esmorecia e isso era um alerta para ambos, aviso que estavam comendo pouco ou em demasia, ou os filhos dando trabalho demais ou a cama carecendo de ser mudada, para tornar tudo mais confortável. Quase sempre eles alteravam a rotina e os hábitos da vida quando a relação sexual não ia bem, e isso sempre ajudava a vida dos dois a tomar caminhos bons ou, pelo menos, mais gostosos.

Nosso Senhor abençoou seu ventre como abençoa minha prática! Nunca vi criança mais linda que essa, por Jesus! Aí já era demais! Até a parteira o insultava dentro de casa e deve ser ela a colocar coisas na cabeça da minha mulher. Esbravejou como um urso esse menino foi eu que fiz! Eu e ela! Deus não tem nada com isso, velha catimbozeira! A parteira quase pulou a janela ao escutar os urros do Coronel Estaca, que só não a matou, por ser ela a única parteira conhecida na região. A mulher, que pouco suou no parto, clamou para não se aporrinhar com as idiotices do Coronel, o qual foi atendida graças a um rolinho de dinheiro muito acima do combinado, entregue à velha. Em troca, ela entregou na mão da criança, tomando cuidado com os olhares do Coronel, uma medalhinha de Nossa Senhora do Bom Parto.

Em todos que fiz, nunca vi uma criança tão abençoada como esta. Parece que não vai ter doença nunca! Exclamou, guardando na xereca o rolinho de dinheiro e beijando as mãos do neném. E, de fato, o garoto não chorou nem gritou e parecia ser coisa divina mesmo, pois era por demais lindo. Tinha um ar quase angelical, de olhos negros e grandes e com os cabelos pretos iguais ao do pai. De tão grande, a parteira não acreditou quando saltou para suas mãos e duvidou que outra anca, não sendo a da mulher do Coronel Estaca, aguentaria gerar aquela benção até o nascimento? Uma benção, pois a pele da criança era iluminada por uma áurea divina e isso muito agradou a todos inclusive ao Coronel, de sorriso largo e passos firmes, clamava a todos: *eu que fiz, veja! Eu e minha mulher, vejam que meninão perfeito esse! Eu que fiz!* Berrava atônito, encantado com a beleza angelical



da criança, de cor viva e quente. A todos, fosse boi ou empregado, conhecido ou desconhecido, o coronel exibia a criança.

E de tanto fazerem, não demorou muito para nascer outro e nem a mulher nem a parteira acreditaram no que viram, pois a menina era ainda mais bela que o anterior, carregando no corpo um fulgor vivo e quase divino, com a diferença de ser ainda nela, tudo maior. O bebê invejou até mesmo a parteira: *que criança linda, Nosso Senhor! Só pode ser mesmo criatura de Deus, pois o Diabo não faz essas coisas.*

A pobre velha não fez por mal, mas por displicência e hábito, pois estava realmente surpresa pela beleza do bebê, que não chorou e deslizou, tal qual os outros, com facilidade para seus braços. Nem mesmo o cordão umbilical precisou cortar, pois a criança já nasceu sem. Era estranho explicar, mas essa criança, diferente das outras, não tinha nada de humano e tudo de divina. Quando percebeu que repetiu o dizer anterior, não teve tempo de se justificar, pois logo sentiu os berros do Coronel alegando que aquela criança ele o fizera, assim como fez todas as outras! A velha ainda argumentou que aquela menina era muito linda e se o outro não haveria de ter doença alguma essa, além de ser saudável por toda a vida, também haveria de ser atriz de cinema, pois era quase divina e isso enfureceu mais o Coronel, berrando que seu filho não tinha nada de divino e sim, de humano! A parteira saiu do quarto aborrecida e não aceitou o dinheiro do Coronel, dizendo que naquela terra não pisaria, pois era terra de descrente, e que muito sentia pela mulher, a ter de aturar um homem tão amargo quanto aquele.

O Coronel esbravejou e enxotou a velha de casa, ameaçando dar-lhe uma boa coça com cipó de goiabeira, para mostrar-lhe a respeitar os bons modos de um homem tão poderoso. A velha saiu possessa, deixando a mãe desamparada que sentiu, naquele instante, as contrações do parto novamente e não saberia dizer se era outra criança, pois aquilo percorria o ventre e lhe causava uma dor estrondosa nas ancas, como se quisesse rasgá-la ao meio!

O Coronel Estaca voltou ao quarto, desesperado com os gritos da esposa, e a parteira agarrou o broche de Nossa Senhora do Bom Parto, antes de engolir seu orgulho e voltar a entrar naquela casa amaldiçoada, pois o vento que se fez naquela tarde não foi brisa de benção e sim vento que pune, batendo nas portas de casa e arrancando as telhas da viga. Voltou por gostar demais da mulher e de menos do Coronel.

Quando entrou no quarto, fez questão de afastá-lo com rispidez, acudindo rápido o ventre da mãe que saía junto com o feto. A mulher gritava tão alto, que até mesmo o gado no pasto se intimidou, e só depois de alguns minutos a velha conseguiu, com a força que a idade lhe tira, puxar, do ventre da mulher, o útero com amarrações de sangue e acompanhado por um bolo de carne com pus. O recém-nascido começou a chorar.

A parteira segurou a bola de carne, abismada de ali não existir bebê algum, entregando ao Coronel o seu filho. Este, apavorado, soltou o filho no chão, estourando-o. O bolo disforme de carne berrou, mas logo a parteira pisoteou nele com toda força que ainda lhe restava e antes de ser impedida pela mãe, que chorava. Olhou o homem recostado na parede e fazendo o sinal da cruz, arrepiada, suspirou: *pode deixar que esse eu dou pro porco comer, Coronel.*

